O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 14 | Nº 42 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.8080002

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

DESAFIOS DE TRADUTORES INTÉRPRETES DE LIBRAS E ESTUDANTES SURDOS NAS AULAS REMOTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Samara Maria Sousa Melo[1]

Yara de Fátima Nascimento Andrade[2]

Eduardo Gomes Onofre[3]

Diana Sampaio Braga[4]

Aline dos Santos de Maman[5]

Resumo

O presente estudo tem como objetivo principal discutir dificuldades encontradas por tradutores intérpretes de Libras e estudantes surdos durante as aulas remotas em tempos de pandemia de Covid-19. Para tanto, baseamos na pesquisa qualitativa. Utilizamos como instrumento metodológico um questionário aberto criado no Google Forms. Participaram deste estudo dois educadores que são tradutores intérpretes de Libras e um estudante surdo. Esses educadores trabalham em escolas públicas nas cidades de Camutanga e Garanhuns. Referindo-se ao estudante surdo, ele está matriculado no ensino médio em uma escola pública na cidade de Sertânia. As referidas cidades estão situadas no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. A coleta de dados foi realizada no mês de fevereiro e março de 2022. Utilizamos a análise de conteúdo como procedimento para compreender os dados coletados. Os resultados indicaram que tradutores intérpretes de Libras não estavam presentes em todas as atividades remotas; alguns estudantes surdos não tinham recursos tecnológicos para acompanhar as aulas remotas; aqueles surdos que tinham algum recurso tecnológico, não tinham uma boa conexão; e a mediação de familiares, no processo de ensino-aprendizagem nas aulas remotas, foram importantes para o aprendizado dos estudantes surdos. Portanto, as desigualdades sócias econômicas no Brasil dificultaram o processo de escolarização dos estudantes brasileiros, principalmente, aqueles que têm algum tipo de necessidade educacional especial, a exemplo dos estudantes surdos.

Palavras-chave: Estudantes Surdos; Intérpretes; Libras; Pandemia; Tradutores.

Abstract

The main objective of this study is to discuss difficulties encountered by translators, interpreters of Libras and deaf students during remote classes in times of the Covid-19 pandemic. For that, we based on qualitative research. We used an open questionnaire created in Google Forms as a methodological instrument. Two educators who are translators and interpreters of Libras and a deaf student participated in this study. These educators work in public schools in the cities of Camutanga and Garanhuns. Referring to the deaf student, he is enrolled in high school at a public school in the city of Sertânia. These cities are located in the state of Pernambuco, northeast of Brazil. Data collection was carried out in February and March 2022. We used content analysis as a procedure to understand the data collected. The results indicated that Libras interpreters were not present in all remote activities; some deaf students did not have the technological resources to follow the remote classes; those deaf who had some technological resource did not have a good connection; and the mediation of family members, in the teaching-learning process in remote classes, were important for the learning of deaf students. Therefore, social and economic inequalities in Brazil hampered the schooling process of Brazilian students, especially those who have some kind of special educational need, such as deaf students.

Keywords: Deaf Students; Interpreters; Libras; Pandemic; Translators.

1 Graduada em Matemática. Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: samaraamaria12@gmail.com

2 Graduada em Pedagogia. Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: yaradoia36@gmail.com

3 Professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor em Sociologia pela University de Strasbourg. E-mail: eduonofre@gmail.com

4 Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: diana@servidor.uepb.edu.br

5 Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em Ciências Médicas pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: alinedemaman@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Diante das mudanças ocorridas nos últimos anos devido à pandemia da Covid-19, no Brasil, medidas foram tomadas pelos governos, federal, estaduais e municipais, com o foco de prevenir a população da contaminação, assim como, diminuir os números de óbitos, entre aqueles já contaminados pela mencionada doença do Coronavíus que marcou a primeira pandemia do século XXI. O isolamento social foi a principal medida adotada pelos governos brasileiros para diminuir a disseminação da Covid-19.

No tocante ao processo de escolarização durante o isolamento social, surgiram iniciativas como o ensino remoto para substituir o ensino presencial. Para Rêgo *et al.* (2021, p.161) "Impulsionado pelas Tecnologias Digitais (TD), o ensino remoto foi adotado em diferentes níveis de ensino e por diferentes instituições no mundo, como uma tentativa de transpor o ensino presencial físico para as plataformas digitais".

O ensino remoto procurou estratégias educacionais que evitassem danos para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com ou sem deficiência. Assim, educadores e demais profissionais do campo da educação sentiram a necessidade de adaptarem sua prática pedagógica ao ensino remoto, a exemplo dos tradutores intérpretes de Libras – TILS - que mediam o processo de ensino-aprendizagem para estudantes surdos. Quadros (2004) afirma que o TILS é aquele profissional que traduz e interpreta da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, seja ela na modalidade oral ou na modalidade escrita. Assim, compreendemos que o TILS são educadores que rompem barreiras linguísticas que venham a impedir a interação entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte.

Os educadores precisaram se adaptar rapidamente ao *novo normal* desenvolvendo suas atividades escolares em sua residência de maneira diferente do que estavam acostumados. Necessitaram utilizar recursos tecnológicos sem nenhuma formação de como usufruir tais meios no processo de ensino-aprendizagem. A não formação dos educadores para trabalharem com o ensino remoto, assim como a ausência de profissionais, a exemplo do TILS, nesta dinâmica de ensino, causou danos para a aprendizagem dos estudantes. Muitos estudantes surdos foram excluídos diante das condições impostas pela Covid-19, por não possuírem nenhum tipo de recurso tecnológico e/ou por muitas das vezes não terem o tradutor intérprete de Libras para traduzir/interpretar os conteúdos ensinados pelos professores.

Perante as exigências colocadas pela Covid-19 e discussões nas aulas do mestrado, especificamente na disciplina Tópicos Contemporâneos em Educação Matemática/Tópicos Especiais em Ensino de Ciências/Matemática: Educação Inclusiva, surgiu a necessidade, enquanto educadores atuantes na educação básica, no ensino superior e pesquisadores, de discutir a educação dos surdos

durante a pandemia da Covid-19, a fim de ouvir tradutores intérpretes de Libras e estudantes surdos sobre os desafios neste período de ensino remoto. Diante desta inquietação, elaboramos a seguinte questão: *Quais os possíveis impactos no processo de ensino-aprendizagem com aulas remotas, em tempos de pandemia da Covid-19, a partir das concepções de tradutores intérpretes de Libras e de estudantes surdos?*

Diante do contexto apresentado, o presente estudo tem como objetivo principal discutir os principais desafios enfrentados pelos tradutores intérpretes de Libras e estudantes surdos, durante as aulas remotas em tempos de pandemia da Covid-19. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa e aplicamos, por meio do Google Forms, um questionário aberto para 2 (dois) tradutores intérpretes de Libras que atuam em escolas da rede pública, nas cidades de Camutanga e Garanhuns, e um estudante surdo matriculado no 1° Ano do Ensino Médio, em uma escola da rede pública de ensino, na cidade de Sertânia. As referidas cidades são localizadas no estado de Pernambuco.

Assim, a presente pesquisa se justifica pela necessidade de compreendermos desafios encontrados por TILS e estudantes surdos durante um ensino que venha a utilizar tecnologias digitais para a mediação do processo de ensino-aprendizagem. Essa compreensão ajudará os educadores a aprimorarem qualquer ação pedagógica, com a participação de pessoas surdas, que venham a ser ministradas de forma remota.

EDUCAÇÃO DOS SURDOS: UM BREVE RELATO

A história do povo surdo nos possibilita desenvolver reflexões referentes às suas raízes e culturas. Com base em alguns teóricos, como Oliveira e Figueiredo (2017), Perlin e Strobel (2008), Poker (2009), Santana (2007), dentre outros, dizemos que os surdos eram vistos pela sociedade como criaturas marginalizadas e colocadas em asilos para serem segregadas ou excluídas socialmente. A compreensão que se tinham dos surdos, durante a Idade Antiga e Idade Média, era de pessoas doentes ou sem habilidades cognitivas e sociais para viverem em sociedade. Assim, os surdos, ao longo da história da humanidade, foram exterminados ou segregados em locais afastados da sociedade. Em relação ao processo de escolarização, diziam que os surdos eram incapazes de conseguir aprender, consequentemente eram excluídos das instituições de ensino. Essa concepção, excludente sobre a pessoa surda, foi sendo modificada ao longo dos tempos por meio de trabalhos desenvolvidos por educadores, como Pedro Ponce de León (1520-1584), Juan Pablo Bonet (1579-1629) e Charles Michel de L'Epée (1712-1789). Esses educadores começaram a ter evidências positivas do surdo e mostraram para a sociedade que os surdos têm total capacidade de se desenvolverem cognitivamente, socialmente e afetivamente. A partir das experiências educacionais destes educadores, iniciaram, no âmbito

pedagógico, discussões sobre métodos educacionais eficazes para o desenvolvimento cognitivo das pessoas surdas.

Nesse sentido, na história da educação dos surdos, podemos destacar três métodos: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. Segundo Oliveira e Figueiredo (2017, p. 175) "terapias intensivas de fala e de leitura labial, acreditando-se ser esse o caminho ideal para o desenvolvimento de sua linguagem", ou seja, o surdo para se comunicar com o mundo e os outros necessitava desenvolver técnicas para oralizar. Com relação à Comunicação Total, requer inserção da "língua oral, a de sinais, a datilologia, [...] e ainda outros meios, como o uso de técnicas e recursos voltados para a estimulação auditiva, adaptação de aparelho de amplificação sonora individual, leitura labial e oralização" (OLIVEIRA; FIGUEIREDO, 2017, p. 175). Sobre o Bilinguismo Poker (2009, p.8) afirma que "o surdo deve adquirir como sua primeira língua, a língua de sinais com a comunidade surda".

De acordo com Santana (2007), o surdo constituirá uma identidade surda através da Língua de Sinais, a qual é sua primeira Língua (L1) independentemente de ser adquirida em qualquer idade. No Brasil, temos a Língua Brasileira de Sinais (Libras), estabelecida na lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 pelo decreto de nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o qual reconhece a Libras como primeira Língua (L1) das pessoas surdas e a Língua Portuguesa como segunda Língua (L2).

> Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais. Considera-se decência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2005).

A Libras é uma língua que promove a interação entre o visual e a articulação com as mãos, possibilitando assim a interação entre as pessoas surdas e ouvintes. Por isso, compreendemos a importância da comunidade ouvinte aprender a Libras para se comunicar e compreender o outro com a identidade surda. Em relação à concepção de identidade, é importante compreender que "a identidade inclui associações, por um lado, com os traços que caracterizam os membros de uma comunidade em relação a outros que não pertencem a ela e, por outro, com a consciência que um indivíduo tem de ser ele mesmo e, portanto, diferente de outros" (SZURMUK; IRWIN, 2009, p.140).

ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS (NEE) FRENTE À PANDEMIA DA COVID 19

A pandemia da Covid-19 modificou drasticamente a realidade da sociedade e dos sistemas educacionais. Inúmeros foram os desafios para educadores e estudantes conseguirem prosseguir com o

processo de escolarização. Devido ao alto nível de contágio e pela Covid-19 se tratar, também, de um vírus com alarmantes números de óbitos, foi decretado o ensino remoto no Brasil, em meados de março de 2020. Com esse cenário de incertezas, tradutores intérpretes de Libras, outros educadores e estudantes surdos passaram a desenvolver suas habilidades para ensinar e aprender mediante as condições impostas pelos recursos tecnológicos e digitais.

As dificuldades impostas pela pandemia da Covid-19, ao setor educacional, foram imensas, a exemplo dos pais ou responsáveis dos estudantes passando por dificuldades econômicas, problemas de infraestrutura nas residências dos educadores e dos estudantes, ausência ou precariedade ao acesso à internet e o não domínio do mundo digital. Os educadores e estudantes passaram a ter que dominar recursos tecnológicos mesmo sem formação para tal. Assim, as interações sociais construídas nas instituições de ensino foram prejudicadas, aumentando consideravelmente o número de estudantes com dificuldades de aprendizagem, ansiedade e outros problemas sócio emocionais.

O fato é que, se a pandemia da Covid-19 trouxe obstáculos para os estudantes sem deficiência ou sem nenhum tipo de transtorno, para aqueles com necessidades educacionais especiais – NEE- os obstáculos foram muito maiores. Salientamos que os estudantes com NEE são todos aqueles que necessitam de um atendimento educacional individualizado ou em pequenos grupos para melhor assimilar os conteúdos trabalhados em sala de aula. Por exemplo, os estudantes surdos, matriculados na escola regular, necessitam de adaptações curriculares para desenvolverem suas habilidades cognitivas. Assim, compreendemos que os estudantes surdos incluídos na escola regular são estudantes com NEE.

Diante da situação pandêmica que trouxe inúmeras dificuldades aos professores e estudantes, é válido ressaltar que para os estudantes com necessidades educacionais especiais o processo de ensino-aprendizagem foi ainda mais árduo. Os estudantes com NEE tiveram reflexos significativos no processo de aprendizagem durante o período de pandemia da Covid-19, o que pode acarretar evasão escolar e problemas emocionais.

Durante o trabalho remoto, além das atribuições escolares que já possuíam, os educadores precisaram adaptar atividades remotas para os estudantes com NEE, fato que demanda conhecimento específico, bens tecnológicos, recursos financeiros para ter acesso ao mundo digital e tempo para a organização e adaptação da nova prática pedagógica. No caso dos estudantes surdos matriculados no ensino regular, evidenciou-se ser fundamental a mediação do processo de ensino-aprendizagem, nas salas virtuais, do profissional Tradutor Intérprete de Libras.

As escolas tiveram que se adaptar à nova realidade, os professores precisaram dar conta de recursos tecnológicos e os estudantes e sua família tiveram que lidar com as dificuldades para acessar as aulas e compreender os conteúdos escolares transmitidos no ensino remoto. O isolamento social,

necessário para frear o avanço da Covid-19 ou pelo menos diminuir seus efeitos, acarretou num grande abismo educacional, aumentando a desigualdade na aprendizagem formal.

Para tanto, é importante discutir mesmo que de forma breve, entretanto pontual, a concepção de ensino remoto e como foi desenvolvido esse ensino nas instituições de ensino regular. De acordo com Andrade e Mariano (2021, p. 130) "o ensino remoto acontece no horário em que seria a aula presencial com material disponibilizado e preparado pelo professor onde acontece interação por diversos meios de comunicação".

Diversos aplicativos para a realização e edição de vídeos, plataformas digitais como as redes sociais, o Google Meet, Zoom, WhatsApp, Google Classroom, além de envio de material impresso para os estudantes que não têm acesso aos recursos tecnológicos, passaram a fazer parte da realidade educacional de educadores e estudantes no contexto das aulas remotas.

Segundo Vercelli (2020, p. 50) "as aulas remotas ocorrem de forma sincrônica, portanto com a presença do professor em tempo real, sendo que as dúvidas podem ser sanadas no momento em que surgem, por vídeo ou por chat". Por meio dessa dinâmica de aulas remotas, muitos estudantes surdos tiveram ainda que lidarem com a dificuldade de não conseguirem ter a presença do tradutor intérprete de Libras durante as atividades remotas.

Salientamos que desde 2002, a Libras teve seu reconhecimento pautado por meio da Lei 10.436/02, a qual afirma em seu artigo 1° que "é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados" (BRASIL, 2002). A partir deste momento, os surdos passaram a ser reconhecidos enquanto comunidade que se expressa através da Libras e consequentemente, por meio do decreto 5.626/05, os estudantes surdos passaram a ter o direito de solicitar a presença do tradutor intérprete de Libras nas suas aulas e em outras atividades além dos muros das instituições de ensino. Mesmo com o aparato legal que garante aos estudantes surdos, o direito de se expressar através da Libras e o direito da mediação do tradutor intérprete de Libras no processo de escolarização, não podemos negar o grau de dificuldade dos educadores de elaborar aulas com metodologias pedagógicas adaptadas à Libras, e, principalmente, incluir a família dos estudantes surdos no processo de inclusão escolar.

METODOLOGIA

O presente estudo pode ser classificado como uma pesquisa qualitativa, pois procura compreender as causas dos estudos analisados, usando um número significativo de análise de dados não estatísticos que têm como foco principal o processo e seu significado. A presente pesquisa pode ser

empregada como uma pesquisa exploratória e quanto aos caminhos dos procedimentos técnicos podem ser um estudo de caso.

Marconi e Lakatos (2003) retratam que as pesquisas exploratórias são investigações empíricas cuja finalidade é a formulação de um problema que tem como intuito aumentar a familiaridade do pesquisador com o problema. Consoante ao estudo de caso, Yin (2001) afirma que esse tipo de método ou estratégia de pesquisa científica consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de modo que permite seu amplo e detalhado conhecimento.

Como instrumento metodológico, utilizamos um questionário, criado por meio do Google Forms para 2 (duas) Tradutoras Intérpretes de Libras que trabalham em escolas da rede pública, da cidade de Camutanga e Garanhuns, e 1 (um) estudante surdo matriculado no 1° Ano do Ensino Médio em uma escola da rede pública da cidade de Sertânia. Essas cidades ficam localizadas no estado de Pernambuco, nordeste brasileiro.

Enviamos o questionário aberto para as duas referidas tradutoras intérpretes de Libras e o estudante surdo. A coleta de dados foi realizada no mês de fevereiro e março de 2022 através do envio pela plataforma WhatsApp. Salientamos que para preservar a identificação dos participantes do presente estudo, utilizamos as seguintes identificações: TILS1 e TILS2 (Tradutores Intérpretes de Libras) e E1 (estudante surdo).

As respostas obtidas pelos questionários foram transcritas e submetidas aos princípios conceituais da Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Para tanto, realizamos uma "leitura flutuante" que é o primeiro passo da pré-análise, ou seja, o primeiro contato com o material a ser investigado. Para Bardin (2016) as etapas da análise são a pré-análise, a análise categorial, a análise inferencial e a interpretação dos resultados. As categorias foram estabelecidas previamente, juntamente com a elaboração das questões que formaram o questionário. No momento que estabelecemos as categorias, realizamos a exploração dos dados coletados nos questionários, em que procuramos fazer inferências e a interpretação dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O interesse em discutir os dados obtidos, através do questionário aberto, foi compartilhar experiências e reflexões a partir das concepções de duas tradutoras intérpretes de Libras e um estudante surdo sobre os principais desafios encontrados nas aulas remotas, em tempos de pandemia da Covid-19.

A princípio, destacamos a formação acadêmica das duas tradutoras intérpretes de Libras. Essas foram identificadas como TILS1 e TILS2. A TILS1 é formada em Licenciatura em Pedagogia, Pós-

Graduada em Libras, Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Educação Inclusiva. Possui experiência como professora do ensino regular desde 2003, atuando na classe especial desde 2010 e como tradutora intérprete de Libras desde 2013. TILS1 atua em uma escola de rede pública da cidade de Camutanga, no estado de Pernambuco.

TILS2 é formada em Licenciatura em Letras e Licenciatura em Pedagogia, Pós-graduada em Libras e atualmente cursa o 7° período de Pedagogia Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Possui 12 anos de experiência como tradutora intérprete de Libras. Atua em escola de rede pública na cidade de Garanhuns, no estado de Pernambuco.

Referente ao aluno surdo, participante da presente pesquisa, afirmamos que é aluno do 1º Ano do Ensino Médio em uma escola da rede pública na cidade de Sertânia, no estado de Pernambuco. Desde de criança se comunica com surdos e ouvintes por meio da sua língua materna, isto é, a Libras.

Inicialmente, no questionário, indagamos às tradutoras intérpretes de Libras, como foi sua experiência com os estudantes surdos em tempos de pandemia da Covid-19. Neste questionamento, as principais dificuldades enfrentadas, pelas duas TILS, foram a falta de recursos tecnológicos dos estudantes surdos e aqueles que tinham o mínimo de recursos tecnológicos, não tinham um bom acesso à internet.

TILS1 e TILS2 relatam também que:

> [...] a maioria não tem uma comunicação acessível, por exemplo, muitos não tinham nem celular (TILS1).
>
> Devido a falhas na conexão de sua internet residencial (TILS2)
>
> Os alunos surdos tinham que escolher fixar a minha tela para visualizar a sinalização, porém, os mesmos não conseguiam ver a janela do professor que estava ministrando a aula. Dessa forma, os alunos não acompanhavam os slides nem as anotações que os professores faziam para explicar seus conteúdos (TILS2)

A maioria dos estudantes surdos não tinha condições de participar de aulas síncronas, pela plataforma Google Meet, em virtude de não possuir um computar ou celular acessível. Outros que tinham tal oportunidade, apresentaram outras dificuldades que podem ser visualizadas na fala da entrevistada *TILS2.* Assim, diante das respostas apresentadas pelas TILS, compreendemos que a plataforma Google Meet não é acessível para os estudantes surdos, os quais têm a necessidade de estarem, durante as atividades escolares, em constante interação com o tradutor intérprete de Libras.

Diante da resposta anteriormente apresentada pelo TILS2, surgiu a necessidade de questioná-la sobre as estratégias usadas para superar as mencionadas dificuldades. Compreendemos que na fala do

TIL2, aconteceu reflexões de tal modo que buscou outra forma de fazer o estudante surdo compreender o conteúdo, ou seja, *TILS2* afirmou que:

> Minha estratégia na época foi entra na sala do Google Meet através de duas contas de Gmail. Assim, foi possível utilizar um monitor do meu lado com a tela fixa na janela do professor que ministrava a aula o que facilitou aos alunos surdos visualizarem minha sinalização em Libras e também os slides utilizados pelos professores de forma simultânea.

Outro ponto que merece destaque é quando TILS1 comentou:

> [...] e maioria das vezes mesmo no pior momento da pandemia fui ao chão da escola interpretar atividades xerocadas e entregues pelo professor regular.

Devido há muitos estudantes surdos não possuírem recursos tecnológicos, TILS1 buscou outra alternativa de ensino que para aquele momento não deveria ter acontecido, devido a portaria de nº 343, em 17 de março de 2020, que diz em seu artigo 1º, "Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor" (BRASIL, 2020).

Pasini, Carvalho e Almeida (2020, p. 02) afirmam que "apesar do fato ser terrível e estar prejudicando o ensino e a aprendizagem, a suspensão das aulas é medida essencial para se evitar a propagação da contaminação, tendo em vista que a escola é um ambiente de natural contato". Todavia, TILS1 sentiu a necessidade de ir à escola interpretar/traduzir os conteúdos ensinados pelo professor com o intuito dos estudantes surdos não ficassem prejudicados e não perdessem o ano letivo. Apesar dos avanços no mundo tecnológico, compreendemos que a prática pedagógica desenvolvida na aula presencial é insubstituível. Tavares, Santiago e Onofre (2021) afirmam que a prática pedagógica com estudantes surdos deve ser ressignificada em parceria com os educadores, o tradutor intérprete de Libras e com os surdos.

As instituições de ensino, durante a pandemia da Covid-19, tiveram que se adaptarem ao ensino remoto para tentarem, de alguma forma, suprir a necessidade educacionais dos estudantes, isto é, utilizar recursos tecnológicos como meios para mediar o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Galindo Neto *et al.* (2019), evidências científicas mostram que vídeos educativos, seguidos de materiais impressos e tecnologias mediadas por computador são eficazes no processo de educação para surdos.

Entretanto, o fato de estudantes surdos não possuírem nem um celular para acompanhar as aulas remotas, foi um dos obstáculos para a qualidade do ensino remoto. Para Picanço, Andrade Neto e Geller (2023) as principais dificuldades dos professores, no processo de escolarização dos alunos surdos em

tempo de Pandemia da Covid-19, foram falhas na comunicação digital, limitações das plataformas de videoconferência, a dificuldade de implementação do ensino remoto em vários níveis administrativos, a falta de materiais didáticos apropriados em Libras e os aspectos socioemocionais decorrentes da pandemia na comunidade escolar.

Quando questionamentos o estudante surdo sobre suas experiências com aulas remotas em tempos de pandemia da Covid-19, ele afirmou que:

> Antes da pandemia eu tinha a Intérprete de Libras, mas as aulas foram suspensas e assim não tive mais a Intérprete, e também o professor não sabia Libras, então eu tive muita dificuldade de entender o conteúdo e porque o professor usava o Whatsapp para dar aulas, mandando vídeos do Youtube e atividades, assim muitos conteúdos não entendia (ES).

Devido não ter o tradutor intérprete de Libras durante as aulas remotas e o professor não saber se comunicar por meio da Libras, o estudante surdo apresentou dificuldade de compreender o conteúdo que estava sendo ministrados nas salas e em outros espaços virtuais. Porto (2022, p. 04) afirma que "para os surdos a aproximação de igualdade de condições de acesso e permanência na universidade, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento se dará, sempre, quanto maiores forem os lugares de utilização da Libras". Assim, questionamos ao ES como ele estava assimilando os conteúdos ministrados nas aulas remotas. Diante desta observação, tivemos a seguinte resposta:

> A minha família me ajudou muito explicando os conteúdos da forma deles e aí eu ia respondendo as atividades, mas o professor nunca me dava atenção, assim não tinha contato com ele

A mediação da família no processo de ensino-aprendizagem, diante da situação imposta pela Covid-19, foi essencial para o desenvolvimento cognitivo de estudantes surdos.

O estudo de Costa, Araújo e Farias (2023) identificou, como desafios para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos em tempos de Covid-19, o acesso limitado a intérpretes de língua de sinais, dificuldades em seguir aulas online, ausência de suporte adicional e barreiras tecnológicas.

Outro dado coletado importante foi sobre a formação dos TILS, no campo das tecnologias digitais da informação e da comunicação – TDICs, Como a maioria dos professores que ministraram aulas remotas, os tradutores intérpretes de Libras precisaram se reinventar para ensinar. Assim, os TILS tiveram que utilizar os recursos tecnológicos, mesmo sem ter domínio com tais ferramentas para interpretar\traduzir os conteúdos ministrados em sala de aula. Para Silva Júnior *et al*. (2023) um dos desafios na utilização de tecnologias Assistivas para alunos com deficiência é a ausência de formação e suporte para professores e outros funcionários da escola.

Essa ausência de uma formação, para lidar com as TDICs, gerou uma necessidade de buscar conhecimentos nesta área, além da necessidade de investir em equipamentos eletrônicos, como disse *TILS2:*

> [...] precisei investir em iluminação, tripé para câmera, microfone, fones de ouvido, caixinhas de som e tecido Chroma Key.

Sena, Serra e Schlemmer (2023) afirmam que a educação de alunos surdos deve incluir tecnologias digitais, já que os ambientes digitais pertencem à cibercultura na qual a sociedade habita. Entretanto, compreendemos que tal implantação exige uma formação para todos os educadores que lecionam a alunos surdos.

Adaptar a uma nova prática pedagógica aliada as TDICs, saindo completamente da estrutura física da instituição de ensino, foi uma das necessidades que os profissionais da educação tiveram no tempo do ensino remoto. Entretanto, educadores, mesmo diante da necessidade de um isolamento social, mostraram resistentes a adaptar a sua prática de ensino as necessidades educacionais oriundas no ensino remota. Como dizem Borba e Penteado (2012, p. 56) “alguns professores procuram caminhar numa zona de conforto, onde quase tudo é conhecido, previsível e controlável”. Entretanto, é importante que os educadores saiam da sua zona de conforte, independente de estarmos ou não em tempos de pandemia. A inclusão escolar se faz com adaptações no ensino e no currículo. Fernández e Calderón (2017), em estudos desenvolvidos no Chile, recomendam que os professores que lecionam estudantes surdos se apropriem da sua função de educadores para oferecer um currículo centrado nas singularidades das pessoas surdas, assim como, promover e valorizar a cultura surda no contexto educacional.

CONCLUSÃO

Desde que foi decretada a pandemia da Covid-19, as instituições de ensino precisaram ser fechadas para evitar a propagação do vírus. Os professores e estudantes foram pegos de surpresa quando tiveram que se adaptar ao que viria ser chamado de *novo normal*, trocando as salas de aula por salas virtuais e livros e cadernos por vídeos e áudios. Foi um desafio para todos os profissionais da educação.

Compreendemos que a educação de qualidade é direito de todos. Entretanto, em tempos de pandemia da Covid-19, ficou explícito como as desigualdades sócias econômicas são grandes no Brasil e como elas afetam o processo de escolarização dos estudantes brasileiros, principalmente, aqueles que têm algum tipo de necessidade educacional especial, a exemplo dos estudantes surdos.

Muitos estudantes surdos não tiveram condições de acompanhar as aulas remotas devido à precariedade do sistema de internet ou pela falta de um dispositivo como celular, tablete ou computador. Os professores, por sua vez, se viram obrigados a *dominar* recursos que até então estavam fora da sua realidade.

Os estudantes surdos tiveram ainda mais obstáculos durante o período da pandemia da Covid-19, visto que, para o processo de ensino-aprendizagem dos surdos é imprescindível a mediação do tradutor intérprete de Libras. Por meio das respostas obtidas no presente estudo, ficou evidente como foi desafiador, angustiante, frustrante e excludente o ensino remoto para os surdos. Para Corrêa, Silva e Silva (2021, p.56) "é necessário repensar as práticas educativas para atender pessoas com diferentes modos de interação e construção do conhecimento".

Nesse contexto, também ficou clara a importância da família no processo educacional dos estudantes surdos, visto que, diante da impossibilidade de ter um tradutor intérprete de Libras, o estudante surdo teve a mediação dos seus familiares que foi essencial para ele assimilar os conteúdos ministrados nas aulas remotas.

Portanto, diante de todo processo vivenciado nas escolas regulares durante a pandemia da Covid-19, constatamos que para o processo de inclusão escolar dos estudantes surdos é indispensável a mediação do tradutor intérprete de Libras e da família ou responsáveis, assim como, uma formação docente que prepare os educadores a lidarem com situações em que a tecnologia e o mundo digital são necessários para a continuidade do processo educacional. O momento crítico que vivemos serviu para refletirmos sobre como pode ser solitária a aprendizagem dos estudantes surdos e que devemos buscar estratégias para facilitar os caminhos da educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. C.; MARIANO, D. P. S. "Reflexões acerca do ensino remoto e sua inclusão na educação pública". *In*: LACERDA, T. E.; GRECO JUNIOR, R. (orgs.). **Educação remota em tempos de pandemia**: ensinar, aprender e ressignificar a educação. Curitiba: Editora Bagai, 2021.

BORBA, M. C.; PENTEADO, M. G. **Informática e Educação Matemática**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

BRASIL. **Decreto n. 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Planalto, 2005. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 23/06/2023.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Brasília: Planalto, 2002. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 23/06/2023.

BRASIL. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Brasília: Planalto, 2020. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 23/06/2023.

CORRÊA, A. M. S.; SILVA, E. K. S.; SILVA, E. D. "Recursos didáticos para o ensino de surdos em classes inclusivas". **Revista Educação Inclusiva**, vol. 6, n. 2, 2021

COSTA, D.; ARAÚJO, G. C. C.; FARIAS, A. L. "Explorando evidências em publicações que relatam os desafios acerca do ensino à distância para alunos surdos em tempos de Covid-19". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

FERNÁNDEZ, V. H.; CALDERÓN, M. V. P. **Lectores sordos bilíngues**: um logro posible. Santiago: RIL Editores, 2017

GALINDO NETO, N. M. *et al.* "Technologies for health education for the deaf: integrative review". **Texto e Contexto – Enfermagem**, vol. 28, 2019.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

OLIVEIRA, M. Q.; FIGUEIREDO, F. J. Q. "Uma educação dos surdos no Brasil: um percurso histórico e novas perspectiva". **Revista Sinalizar**, vol. 2, n. 2, 2017.

PASINI, C. G. D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. H. C. "A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações". **Observatório Socioeconômico da Covid-19** [2020] Disponível em: <www.ufsm.br>. Acesso em: 10/06/2023.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Fundamentos da Educação para Surdos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

PICANÇO, L. T.; ANDRADE NETO, A. S.; GELLER, M. "Desafios, adversidades e lições para o ensino de Física para alunos surdos em tempos de pandemia de Covid-19". **Revista Educação Especial**, vol. 36, 2023.

POKER, R. B. **Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PORTO, S. B. N. "A pandemia e a "in" sustentabilidade da inclusão/exclusão: a libras em foco na UFCG". **Revista Educação Inclusiva**, vol. 07, n. 2, 2022.

QUADROS, R. **O tradutor intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: SEESP, 2004.

RÊGO, K. K. A. *et al*. "Educação em formato remoto: estratégias de ensino utilizadas por professores surdos da UEPB". **Revista E-Mosaicos**, vol. 10, n. 21, 2021.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurológicas. São Paulo: Editora Plexus, 2007.

SENA, L. S.; SERRA, I. M. R. S.; SCHLEMMER, E. "Technological resources for the bilingual education of deaf students". **Educação e Realidade**, vol. 48, 2023.

SILVA JÚNIOR, *et al*. "Tecnologia assistiva: a importância na formação de alunos com deficiência". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

SZURMUK, M.; IRWIN, M. **Diccionario de Estudios Culturales Latinoamericanos**. México: Siglo XXI Editores, 2009.

TAVARES, F. R.; SANTIAGO, Z. M. A.; ONOFRE, E. G. "Pedagogia visual nas aulas de ciências com surdos: práticas inclusivas da professora e do intérprete". **Revista Inclusiones**, vol. 8, 2001.

VERCELLI, L. C. A. "Aulas remotas em tempos de Covid-19: a percepção de discentes de um programa de mestrado profissional em educação". **Revista @mbienteeducação**, vol. 13, n. 2, 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Editora Bookman, 2001.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 42| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima